
A DESCONCERTANTE CRÍTICA AO FEMINISMO DE STELLA ANDERSON*

Nancy Epstein

A primeira reação que temos ao começar a ler o livro de Stella Anderson, *Critique of feminism*, é, “não estou lendo isso” ou então “como uma mulher culta e com formação intelectual elevada pode dizer essas coisas do feminismo”? O espanto, a negação, a irritação, tudo isso se mistura. Quando a leitura finaliza, muitas dúvidas aparecem, reflexões se tornam necessárias. Para quem defendia e se dizia feminista, é um tapa na cara. É momento para reflexão. Primeiro, é preciso assimilar o que foi dito. Depois, é o momento de se posicionar. Nesse processo, as emoções não podem ser evitadas, bem como o incômodo inicial, mas, posteriormente, precisamos efetivar esse esforço, pois só assim as feministas não darão total razão para Stella Anderson na sua prática, ou seja, na reação diante da obra.

Stella Anderson mostra que conhece o feminismo. Cita feministas, e, com maior ênfase, Simone de Beauvoir, embora sua contraposição mais forte seja com o “feminismo contemporâneo” e a “ideomania de gênero”. Ela também mostra conhecer o marxismo, pois cita constantemente Marx e outros autores marxistas. O marxismo é o seu ponto de partida. O livro de Stella Anderson é uma crítica marxista revolucionária do feminismo. Isso pode gerar espanto para as feministas que se dizem marxistas. Da perspectiva de Anderson, não existem “feministas marxistas”. Ou são feministas ou são marxistas.

A crítica de Anderson ao feminismo tem dois elementos básicos. Um é a imagem da mulher produzida pelo feminismo e outro é o que ela denomina “ideologia da guerra dos sexos”. A primeira impressão que se tem ao ler Anderson é que ela não sabe o que é o feminismo, que ela simplifica, que ela pega um setor do feminismo e generaliza. Ela

* Resenha do livro *Critique Of Feminism* (edição brasileira: ANDERSON, Stella. *Crítica ao Feminismo*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021).
Tradução: Marcus Gomes.

mesmo responde isso e ao tratar do “feminismo marxista”, do “feminismo da igualdade”, mostra que a crítica é geral mesmo, é ao feminismo em sua essência. Ela apresenta um conceito de feminismo, o que é raro, para, assim, mostrar os limites dessa concepção. É no conceito de feminismo apresentado que se torna possível a crítica do feminismo e a exclusão de algumas mulheres – geralmente consideradas feministas – do movimento feminista, como Rosa Luxemburg, Alexandra Kollontai e outras.

Anderson argumenta que o feminismo cria uma imagem deformada da mulher, que não é a mulher real, dividida em classes, com relações complexas e difíceis com os homens, entre outros processos. A acusação principal é, utilizando um neologismo, de que o feminismo realiza uma “imaturalização” da mulher. Ela coloca que a modernidade (que, pelo que entendi, significa as características gerais da sociedade moderna) gera uma “imaturação” da mulher, um termo pouco usado e que é próximo ao termo que ela recusa, que é o de infantilização (usado por Beauvoir). A forma de luta do feminismo não contribuiria para a superação dessa “imaturação” e sim o reforçaria artificialmente, gerando a “imaturalização”, neologismo que utiliza para explicar a diferença entre “falta de maturidade” e “criação artificial de imaturação”. O feminismo reforçaria a imaturação feminina, gerada por sua subordinação, promovendo uma “imaturalização”. Mesmo quando o feminismo contribui com a maturação num certo sentido, o sexual, por exemplo, ele, ao mesmo tempo, realiza o processo contrário no que se refere à sua autonomia/maturação política, intelectual, ética.

É uma crítica muito dura. Irritante. É algo que chega mesmo a dar raiva. Ao me deparar com tais emoções, comecei a relacionar com a leitura. Isso não seria um sinal de imaturidade da leitora? Não seria mais maduro, e, portanto, autônomo e libertador, enfrentar a crítica de frente? Sim, isso é o que podemos aprender com essa leitura. As mulheres precisam amadurecer, inclusive politicamente. As reações não podem ser puramente emocionais, puramente negativas, isso é um obstáculo para aprendizagem. Essa reação se aproxima da religião e do dogmatismo. Stella Anderson pode irritar, mas nos ensina a aprender e amadurecer, mesmo se não concordarmos totalmente com ela.

A segunda crítica, a da “ideologia da guerra dos sexos”, aponta para a inexistência de unidade entre as mulheres, divididas por religião, nacionalidade, cultura, raça, entre outras divisões. A divisão de classes é colocada como fundamental. As mulheres não pertencem à mesma classe social. A autora mostra como essa diferença de classe – partindo do conceito marxista de classes sociais, pouco compreendido e que a autora aponta alguns elementos – é fundamental e gera interesses antagônicos entre as mulheres,

e faz isso partindo da vida cotidiana. A cotidianidade está presente na obra o tempo inteiro, mas nesse momento ganha destaque. A sua definição de feminismo ocorre justamente a partir desse processo, pois o feminismo seria a concepção que coloca a centralidade da explicação do mundo e da condição feminina nas relações entre os sexos, abstraindo as demais relações e a mais importante delas, as de classe.

Essa crítica poderia ser refutada por muitas feministas. Seria possível citar Alexandra Kollontai e as demais “feministas marxistas”. Anderson deixa claro que elas não seriam “feministas” ou não seriam “marxistas”. A linha divisória, ao que tudo indica, seria a seguinte: as feministas que se dizem marxistas não o são por subordinar ou desconsiderar a primazia da luta de classes e as marxistas que se dizem feministas não o são por não tomar as relações entre os sexos como algo central. Assim, as mais variadas feministas que se aproximam do marxismo e admite a questão das classes e suas lutas, não são efetivamente marxistas, pois não reconhecem a luta de classes como o motor da história. As variadas marxistas que se aproximam do feminismo não são efetivamente feministas por não colocarem as relações sociais entre os sexos como central. Isso é perceptível na crítica que algumas delas fazem ao “feminismo burguês”.

Anderson explicita que para entender a subordinação da mulher e o sexismo, entre outros fenômenos que atingem as mulheres, é preciso uma compreensão mais totalizante e ampla das relações sociais e da modernidade. O feminismo não proporciona isso. E quanto mais ele se julga autônomo e mais se isola, menos capaz de efetivar tal compreensão ele se torna.

Em síntese, a obra de Stella Anderson é uma crítica desconcertante do feminismo. Uma crítica que deixa uma desorientação para todas aquelas que pensavam que o feminismo era a saída. Sem dúvida, críticas ao feminismo sempre existiram, mas essa é diferente. Essa desconcerta, produz reflexão. E o motivo disso é que sua perspectiva não é a de que não existe “problema da mulher”, nem a de que o feminismo é equivocado, limitado, entre outras possibilidades de refutação. É uma crítica que coloca o feminismo como parte do problema e não como parte da solução. E como parte do “problema feminino”. A solução seria a superação do feminismo com suas características e a adoção de uma nova concepção sobre a libertação da mulher, aliada ao marxismo e ao proletariado. O que resta agora é continuar a reflexão, buscar avançar nessa discussão, e tentar, para usar termos de Stella Anderson, superar a imaturação para poder avançar na luta por uma nova sociedade, na qual as mulheres sejam livres e iguais aos homens, e,

mais do que isso – pois esse é um dos elementos da crítica da autora – que possam se autorrealizar e serem felizes.